

AUTOABNEGAÇÃO

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – julho de 1963²

A Vida como Arquitetura

“O homem é o arquiteto de seu próprio destino”, disse Swami Vivekananda. A vida é realmente uma arquitetura. Ela corresponde substancialmente à descrição de Ruskin: “Arquitetura é a arte que dispõe e adorna os edifícios erigidos pelo homem de forma que sua visão possa contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.”³ Mas aqui o edifício é o caráter do homem. Ele não apenas dá prazer ao construtor, mas também àqueles que ocasionalmente entram em contato com ele. Seu poder não é para escravizar ou destruir, mas para animar e enriquecer. Não é prazer sensual o que se obtém ao entrar em contato com uma vida pura. É, podemos quase dizer, de outro mundo, etéreo. É edificante e enobrecedor. Novamente, como Ruskin diz sobre construção e arquitetura, há uma vasta diferença entre uma vida comum e uma vida construída com um propósito: embora todas as pessoas vivam, apenas vivem frutiferamente aquelas que vivem com uma perspectiva, uma visão.

A Mente como Ferramenta

A arquitetura não surge do nada. Ela requer material e ferramentas para ser produzida. Quais são as ferramentas e os materiais que compõem essa arquitetura da vida do homem? Como dissemos, o edifício da vida do homem é seu caráter. É uma estrutura que não é percebida pelos olhos físicos, mas pela mente. Para citar Sri Ramakrishna: “Não se crescem dois chifres num homem quando se torna grande.” Nem a aura ao seu redor ofusca ou fere os olhos dos mortais comuns como os raios do sol. São necessários olhos mais treinados, os de um *yogi*, para discernir tal fenômeno. Em suma, nenhuma transformação física observável ocorre no homem

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Self-Abnegation*.

³ *Seven Lamps of Architecture*. Pub.: George Allen, London, Seventh Edition (1898), p. 13.

quando ele constrói seu caráter; mas a alquimia interior será maravilhosa. Sri Ramakrishna costumava dizer: “O toque da pedra filosofal transforma a espada de ferro em ouro. A forma não muda, mas ela já não pode cortar.” Da mesma forma, a paz resultante que flui na esteira de uma vida pura é seu único indicador, seu único critério.

Agora, sendo a estrutura do caráter sutil, segue-se naturalmente que as ferramentas também devem ser mais finas. A mente é tal instrumento. Na filosofia indiana ela é apropriadamente chamada de *antahkarana*, o instrumento interior. É o único instrumento que, em grande parte, controla os outros instrumentos — os sentidos. Instrumentos também, e não apenas material, entram na formação de um produto. A excelência do produto e a rapidez com que ele é produzido dependem, em grande medida, dos instrumentos de precisão disponibilizados ao operário. Sem a roda e o eixo, um oleiro pode fabricar alguns potes, mas eles não terão o acabamento que se espera. Com um cinzel cego podemos quebrar uma pedra, mas não esculpir uma imagem. Da mesma forma, com uma mente embotada ou uma mente que se satisfaz com coisas mundanas, nada de valor se materializará. Tais mentes requerem purificação: afiação, submissão e, às vezes, tratamento com calor, usar o martelar e têmpera. O arquiteto faz tudo isso com suas ferramentas, seja ele mesmo ou enviando-as ao ferreiro. Mas, sendo a mente sutil, ela não pode ser fisicamente submetida a testes rigorosos como se faz com essas ferramentas.

O Sacrifício como Pedra de Afiar da Mente

Qual é o caminho? Nossos antigos descobriram os métodos. As escrituras quase diziam: “Se você quer desfrutar, por que se satisfazer com estas coisas mortais e por um breve período? Vá ao céu e desfrute de coisas divinas e imperecíveis por um longo tempo.” Mas havia algumas condições. Você teria que restringir seus prazeres aqui. Teria que adquirir qualidades divinas. Teria que adquirir mérito para ir ao céu, para ser um entre os deuses, e para isso prescreveram certos deveres e sacrifícios. Ordinariamente, o homem pensa em si mesmo e é muito centrado no ego. Ele abraça sua riqueza e reluta em se desfazer dela. Ele a acumula e, quanto mais acumula, mais deseja. Ele não pensa além de seu próprio círculo familiar. E quando a aquisição se torna o único objetivo de sua vida, ele joga a decência ao vento e se rebaixa a qualquer meio. Tal tendência é perigosa, diria até destruidora. Isso precisava ser combatido. Então o homem foi ensinado a viver uma vida de mérito: a “guardar tesouros no céu”. Foram-lhe impostos certos deveres: dever para com os pais, para com os *Rishis*, para com os *devas*, para com os vizinhos e até para com os animais, cada um dos quais servia para liberalizá-lo, para abrir as janelas de sua mansão mental fechada, e trazer novas visões. Isso o tirava de sua concha; fazia-o compartilhar suas coisas com os

outros e tornar-se mais humano. Ajudava-o a se elevar acima do nível animal. Assim, o sacrifício desempenhava o papel do fogo, do martelo e da pedra de amolar para moldar, temperar e afiar a mente.

O Significado do Sacrifício

Nesta ideia de sacrifício encontra-se a semente da autoabnegação, da autonegação. Pois, tudo o que era considerado mais cobiçável na Terra pelo homem, era ordenado que fosse oferecido ao Senhor. O homem era assim ensinado a renunciar às suas reivindicações sobre coisas desejáveis, não apenas sem ressentimento, mas voluntariamente. Pode ser que, no início, haja um desejo oculto no coração do sacrificador por ganhos no outro mundo, mas, aos poucos, ao perceber que até mesmo os céus são impermanentes, que até mesmo o que se desfruta naquelas regiões não é melhor do que aqui, esses desejos de prazer aqui e no além são aniquilados. Tendo aprendido a renunciar, nenhum sacrifício torna-se então grande demais para ele. Ele coloca a necessidade do outro antes da sua própria. “Assim, somente pelas obras deve o homem desejar viver cem anos aqui. Este é o único caminho para ti que desejas não te enredar pelos efeitos da ação aqui”⁴, diz o *Isavasya Upanishad*. Sri Krishna expressa poderosamente essa ideia no *Gita* assim: “Neste mundo, a ação que não é feita como sacrifício conduz à escravidão.”⁵

Qualquer que tenha sido o significado com que a palavra *yajña* (sacrifício) foi usada no início, ela passou a ter um sentido mais amplo com o passar do tempo. O sentido já não se restringe à execução de alguns rituais no fogo. Sri Krishna amplia e estende o significado de sacrifício quando afirma: “Há aqueles que sacrificam por meio de oferendas; outros que sacrificam por meio da penitência; outros ainda, por meio do *yoga*; e alguns, de votos austeros, que sacrificam através do estudo e do conhecimento das Escrituras.”⁶ Sua lista não termina aí, mas o que ele implica é que tudo aquilo que ajuda o homem a expandir seus horizontes mentais e seu coração é sacrifício. Toda ética, toda moralidade, todas as religiões ensinam uma só coisa: o autossacrifício. Swami Vivekananda diz: “Este *Nivritti* é a base fundamental de toda moralidade e de toda religião, e a perfeição disso é a total autoabnegação — estar pronto para sacrificar mente e corpo e tudo por outro ser.” E novamente ele repete: “Primeiro mate seu eu, e depois tome o mundo inteiro como seu eu; como os antigos cristãos costumavam dizer, ‘o velho homem deve morrer’. Esse velho homem é a ideia egoísta de que o mundo todo foi feito para nosso prazer.” Quando dizemos “Seja feita a Tua vontade”, devemos ter sacrificado nosso eu à vontade do Senhor. Isso é

⁴ Isa Up. 2.

⁵ Bhagavad Gita, 3. 9.

⁶ Ibid., 4. 28.

autoabnegação, autossacrifício, o sacrifício supremo que o homem pode fazer. Sem esse sacrifício, ninguém pode ser verdadeiramente religioso. É tornar-se completamente altruísta. Buddha não ensinou nada além de autossacrifício. Ele estava pronto a oferecer-se até mesmo por causa de um animal. Não havia limite para sua autoabnegação.

A verdadeira Autoabnegação

Swamiji nos conta uma bela história para nos mostrar o que realmente constitui um sacrifício — apresentamos aqui um resumo dela: “Certa vez, os irmãos Pândavas realizaram um grande sacrifício. Presentes ricos foram oferecidos, e muitas riquezas foram gastas. As pessoas ficaram maravilhadas e declararam que o mundo jamais havia visto algo semelhante. Mas apareceu um pequeno mangusto, metade de seu corpo dourado e a outra metade marrom. E ele começou a rolar no chão do salão sacrificial. De repente, exclamou: ‘Isto não é um sacrifício’. As pessoas ficaram espantadas e exigiram dele a razão de tão dura observação. Em resposta, disse: ‘Havia uma vez uma pequena aldeia, e nela morava um pobre brâmane com sua esposa, seu filho e a esposa do filho. Eles eram muito pobres e viviam de pequenos dons recebidos por ensinar e pregar. Então veio uma fome que durou três anos, e o pobre brâmane sofreu mais do que nunca. Por fim, depois de vários dias de fome, o pai conseguiu certa manhã um pouco de farinha de cevada, que obteve com muita sorte, e dividiu-a em quatro partes, uma para cada membro da família. Eles prepararam a refeição, e, justo quando iam comer, ouviram uma batida na porta. O pai abriu, e ali estava um hóspede. O pobre brâmane convidou-o a entrar e lhe ofereceu sua porção de comida. O hóspede comeu, mas sua fome não foi saciada. Então, um por um, os demais membros da família ofereceram-lhe sua comida, e quando o último bocado foi consumido, o hóspede partiu, abençoando-os. Naquela noite, os quatro morreram de fome. Alguns grãos da farinha haviam caído no chão, e quando rolei sobre eles, metade do meu corpo se tornou dourado, como vocês veem. Desde então, tenho viajado pelo mundo, esperando encontrar outro sacrifício como aquele, mas não encontrei nenhum; em nenhum outro lugar a outra metade do meu corpo se transformou em ouro. É por isso que digo que isto não é um sacrifício.’”

Somos propensos a perder a moral da história se a lermos casualmente, como uma fábula. Cada palavra dela é significativa. O cenário é uma aldeia simples, as pessoas retratadas são pobres, e o contexto é um tempo de provação extrema. Não havia fanfarra de um sacrifício; não havia multidão a aplaudir, nem mesmo a menor possibilidade de alguém tomar conhecimento do que ocorreu. Foi um sacrifício realizado em silêncio, sem qualquer motivo egoísta. Isso é autoabnegação; isso é o

verdadeiro sacrifício. Compreenderemos melhor o pensamento de Swamiji se o colocarmos lado a lado com outra de suas afirmações maravilhosas: “Até mesmo idiotas podem se levantar para ouvir os louvores de si mesmo, e covardes podem assumir a postura de valentes quando tudo tem garantia de dar certo, mas o verdadeiro herói trabalha em silêncio.”

Utilidade da autoabnegação

Chegamos agora à questão da utilidade dessa virtude chamada autoabnegação. A geração atual é muito calculista. Quer saber o que obterá em troca de qualquer esforço que empreenda. E, necessariamente, quer um retorno em forma tangível. Pois perdeu a fé na existência do outro mundo; os céus já não lhe seduzem. As pessoas desta era querem tudo aqui e agora. Nessas circunstâncias, a autoabnegação parece não ter utilidade prática. Se alguém tiver de sacrificar tudo pelo outro, que alegria, que prazer resta a se obter neste mundo? Mas nossas escrituras declaram exatamente o contrário:

“Renunciando a tudo isso, pode desfrutar. Não cobices a riqueza de ninguém.”, exorta a *Śruti* (*Isavasya Upanishad* 1).

O que significa isso? Não soa estranho? Alguém já desfrutou de algo ao renunciar a isso? Para responder a essas perguntas, precisamos questionar a nós mesmos: Quem já desfrutou plenamente? Quem já disse: “Tive o suficiente; não quero mais; estou em paz por ter desfrutado das coisas do mundo”? Onde está o homem que pode afirmar que foi totalmente bem-aventurado o tempo todo? Tomemos aquele episódio da vida de Buddha, quando uma jovem mãe, profundamente angustiada com a morte de seu único filho, veio até ele e implorou para que revivesse seu querido. ‘Mãe’, ele disse, ‘traz-me algumas sementes de mostarda branca de uma casa que não tenha conhecido o luto, e eu reviverei teu filho.’ Assim, ele a deixou descobrir por si mesma que a dor e a alegria se alternavam neste universo, e que havia mais miséria nele do que alegria. Ela não teria escutado o Buddha se ele lhe tivesse dado um sermão quando sua dor estava aguda; quando a ferida estava fresca. Mas quando ela soube por si mesma, por sua busca, que não existia um lar onde não tivesse havido alguma catástrofe em algum momento, as poucas palavras que saíram dos lábios do Bem-Aventurado foram suficientes para curá-la de sua dor e para lhe mostrar a transitoriedade destes objetos mundanos. Tesouros terrenos não podem dar alegria a ninguém. Mesmo que a riqueza de toda a Terra fosse entregue a um homem, ele ainda desejaria mais. Não há fim para o seu desejo. Portanto, é apenas poético dizer que o homem fica feliz ao satisfazer seus desejos. A bem-aventurança pura não é deste mundo. E sobre a bem-aventurança do outro mundo e o estado de estar além do corpo (*jivanmukti*), só podemos saber pelas escrituras e por pessoas realizadas.

Neste ponto podemos ser questionados: E quanto àqueles que não acreditam em um Deus, mas apenas em serem moralistas? Mesmo no caso deles, não temos hesitação em repetir o que já dissemos, que a autoabnegação forma a base, o alicerce de toda a moralidade. Enquanto o homem disser ‘eu’ primeiro e todos os outros depois, não pode haver moralidade. Se todos clamassem por seu próprio direito exclusivo e prioridade, não haveria moralidade, mas brutalidade; o forte dominaria o fraco, tentaria esmagá-lo. As observações categóricas de Swamiji neste contexto merecem destaque: ‘A palavra de ordem de todo bem-estar, de todo bem moral, não é “eu”, mas “tu” ... Esqueçam-se de si mesmos; essa é a primeira lição a ser aprendida, seja você teísta ou ateu, seja você agnóstico ou vedantista, cristão ou maometano. A única lição óbvia para todos é a destruição do pequeno eu e a construção do Eu Real.’

Além disso, não é verdade que os homens não estejam conscientes desta ideia de autoabnegação ou que ela esteja totalmente ausente na generalidade da humanidade. O mundo teria se despedaçado se fosse esse o caso. Em cada indivíduo podemos encontrar estas duas forças, aquisição e abnegação, coexistindo lado a lado. Mesmo nos animais podemos observar essas características. O tigre que mergulha suas presas no sangue humano está pronto para dar sua vida por seus filhotes. O homem que comete assassinato está pronto para sacrificar sua vida para servir sua esposa e filhos. Portanto, o que se deseja é a aplicação ampliada dessa ideia de autoabnegação. Não a limite ao círculo da família, a quem você considera como seus; ou, se tiver que fazê-lo, faça do mundo inteiro sua família, seus próprios; ou ‘envolva tudo neste universo pelo Senhor’⁷, como afirma o *Upanisad*. Pois, como observa Swamiji: ‘Essa renúncia é o único poder positivo no universo. A outra (aquisição) é apenas o uso mal orientado do poder do amor.’

E é um poder tremendo — essa autoabnegação. Todas as cabeças se inclinam diante de um homem de autossacrifício. Era o ideal do brâmane nos tempos antigos. Ele nunca acumulava dinheiro, nunca se dedicava a ganhá-lo. Sua profissão era ler as escrituras e ensiná-las gratuitamente — não por qualquer consideração — aos que vinham até ele. Os modestos presentes que ele recebia serviam para manter a si mesmo e seus alunos. Assim, a instituição da casta brâmane simbolizava o supremo autossacrifício. Sua era uma vida de austeridade e penitência, e foi por isso que o brâmane recebeu posição tão elevada na sociedade.

Autoabnegação versus egoísmo

Nossa valorização da autoabnegação não estará completa se não for contrastada com seu oposto, a aquisição. Antes de prosseguir para dizer o quão prejudicial essa

⁷ Isa Up. 1

aquisição é na vida espiritual, vejamos como ela ajudou ou arruinou o mundo. A história nos conta o que esse demônio da aquisição fez quando penetrou nas veias das nações. Países foram invadidos, sangue correu em rios, cidades foram saqueadas, pessoas foram escravizadas e massacradas. O homem, a imagem viva de Deus, reduziu-se a um ser muito pior do que um animal desprezível. As sementes das guerras mundiais podem ser rastreadas até essa aquisição, até esse egoísmo. No caso da religião também foi o mesmo, apenas esse egoísmo passou a se chamar fanatismo em seu caso. Este é o retrato cru e macabro do egoísmo. Qual será então a escolha da humanidade: aquisição ou autoabnegação? Dessa escolha dependerá o futuro da humanidade.

Na vida do indivíduo também é a posse que torna o homem egoísta. O egoísmo gera apego, torna-nos escravos, e isso, por sua vez, gera sofrimento. Nosso objetivo é a liberdade do sofrimento, a liberação. Portanto, certamente a aquisição não é o caminho para isso. Sri Ramakrishna, com sua simplicidade e franqueza características, narra uma parábola para mostrar em que tumulto esses desejos nos lançam: 'É narrado no *Bhagavata* que o *Avadhuta* teve vinte e quatro gurus, um dos quais era uma águia. Em certo lugar, os pescadores estavam pescando. A águia mergulhou e arrebatou um peixe. Ao verem o peixe, cerca de mil corvos perseguiram a águia e fizeram grande barulho com seus grasnados. Para onde quer que a águia voasse com o peixe, os corvos a seguiam. ... Quando a águia começou a voar em confusão, eis que o peixe caiu de sua boca. Os corvos imediatamente deixaram a águia em paz e voaram atrás do peixe. Assim, aliviada de suas preocupações, a águia sentou-se no galho de uma árvore e pensou: "Aquele peixe miserável estava na raiz de todos os meus problemas. Agora me liberei dele e, portanto, estou em paz." Da mesma forma, os sofrimentos do homem não têm fim enquanto ele não abandonar seus desejos, que surgem da ideia de posse, de egoísmo, do 'eu' e do 'meu'.

Conclusão

Para concluir, vamos relembrar o que Swami Vivekananda diz sobre a autoabnegação. Ele declara inequivocamente: 'Sem essa renúncia, nenhum *yoga* é possível.' Ao renunciar a esse pequeno eu, podemos conhecer o Eu Superior. Ao alcançá-lo, o homem torna-se bem-aventurado, liberado e desfruta da 'paz que excede todo entendimento' ainda aqui na terra. Que utilidade melhor pode haver do que essa? Além disso, o possuidor de completa autoabnegação torna-se um poder que ilumina os caminhos para Deus. Tal é a força da virtude da autoabnegação.

• • •